

35º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT32 – SEXUALIDADE E GÊNERO: SOCIABILIDADE, EROTISMO E POLÍTICA

**DENTRO E FORA DO PROGRAMA: INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS DE
PROSTITUTAS DA ZONA BOÊMIA DE BELO HORIZONTE**

MARINA VEIGA FRANÇA

O objetivo deste trabalho é analisar as conexões entre afetos, transações econômicas e sexualidade na vida de profissionais do sexo, observando suas relações afetivas e sexuais dentro e fora da prostituição. Examina a presença dos afetos no exercício desta atividade e a sexualidade praticada nos programas, centrando-se principalmente no discurso das prostitutas sobre as práticas sexuais desejadas pelos clientes e sobre o que elas aceitam ou não realizar – o que permite observar suas concepções sobre a sexualidade. Para tal, baseia-se em uma etnografia da zona boêmia de Belo Horizonte, uma área de hotéis de baixa prostituição feminina situada no centro da cidade. A pesquisa realizada em outros pontos de prostituição de Belo Horizonte, principalmente na Avenida Afonso Pena, e com prostitutas brasileiras no Bois de Boulogne, em Paris, contribui também para a compreensão do trabalho e das relações entre profissionais do sexo e clientes na zona boêmia.¹

Devido à configuração dos hotéis de Belo Horizonte, ocupados por mulheres e frequentados por clientes homens, este estudo focaliza a prostituição heterossexual. São abordadas questões relativas às relações de gênero, à situação econômica e de trabalho de mulheres de classes populares e às representações da sexualidade masculina e feminina entre grupos socialmente desfavorecidos. A prostituição de travestis, que trabalham na prostituição de rua de Belo Horizonte e no Bois de Boulogne, é evocada em alguns momentos, mas suas especificidades não são aprofundadas.

A zona boêmia de Belo Horizonte é uma tradicional área de prostituição da cidade. Os hotéis, assim como a região central em que situam, passaram por um processo de desvalorização nos anos 1980 que provocou uma baixa do nível social da clientela e dos preços dos programas. Atualmente, tanto as prostitutas, quanto os clientes que frequentam os hotéis provêm majoritariamente de classes populares. Mas há variações entre os dezoito hotéis da área quanto aos preços, a qualidade dos estabelecimentos, as características das prostitutas e da clientela. Os hotéis mais caros são ocupados sobretudo por prostitutas mais novas. Eles têm também uma maior proporção de mulheres brancas,

¹ O trabalho de campo na zona boêmia teve início em 2005 e foi realizado principalmente no primeiro semestre de 2007 e no primeiro semestre de 2009. O contato com algumas profissionais do sexo continuou durante parte deste período, tornando possível o acompanhamento de suas trajetórias. No total, foram realizadas entrevistas formais com vinte e uma prostitutas da zona boêmia, com cinco mulheres e uma travesti da Avenida Afonso Pena, com uma travesti da Avenida Dom Pedro II (também localizada em Belo Horizonte) e com uma mulher e três travestis do Bois de Boulogne. Na zona boêmia, foram também entrevistados seis clientes, quatro funcionários e quatro donos de hotéis.

muitas vezes provindas de outros estados do Brasil (principalmente Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Goiás). Os hotéis mais desvalorizados abrigam mulheres de diferentes idades, mas uma proporção significativa de prostitutas com mais de quarenta anos, e também uma maior quantidade de mulheres mulatas e negras.

A atividade nos hotéis é diurna. As prostitutas alugam o quarto em que trabalham por dia ou por turno (de 8 a 17hs ou de 17 a 23hs). Elas esperam os clientes em seus quartos ; estes circulam nos corredores e negociam o programa com a profissional que os interessa. Os hotéis são conhecidos pela grande rotatividade de clientes e pelos baixos preços do programa. As prostitutas fazem geralmente mais de quinze programas por dia; algumas chegam a mais de quarenta. Em 2009, o preço do programa “básico” – que inclui felação e três posições e dura no máximo 15 minutos – era, em grande parte dos hotéis, R\$7 ou R\$10; no hotel mais caro da zona, era R\$30. O aluguel do quarto, por dia, variava de R\$80 a R\$130, de acordo com o hotel.

Os afetos na prostituição

Uma grande parte dos programas na zona boêmia são rápidos e impessoais e repetem mesmos tipos de atos sexuais e de interações. Mas alguns contatos são mais íntimos e duradouros. Uma maior intimidade – física, sexual, afetiva e/ou informacional (ZELIZER, 2005) – faz parte do repertório de algumas prostitutas. A busca de alguns clientes por uma “autenticidade demarcada”, que Elizabeth Bernstein (2007) identifica principalmente na indústria do sexo contemporânea realizada por mulheres de classe média existe também na zona boêmia de Belo Horizonte. Os programas podem incluir mais tempo, conversa, carinho, beijo na boca e atividades fora do hotel (como fazer compras ou comer juntos). O acréscimo de práticas é geralmente acompanhado de uma maior retribuição financeira.

Os limites, o conteúdo e o preço das transações são geralmente claramente estabelecidos. No entanto, quando há um relacionamento mais íntimo e duradouro entre a prostituta e o cliente, os termos da troca podem se tornar mais difusos e complexos. A fidelização de clientes é comum nos hotéis. Há clientes que frequentam a mesma profissional por mais de quinze anos. A forma de alguns destes relacionamentos se torna mais parecida com a de relacionamentos não venais. Há aliás prostitutas que os descrevem como "pequenos

casamentos". O tempo de programa pode deixar de ser rigorosamente controlado e a remuneração pode alcançar um valor que vai além de práticas pré-estabelecidas. Há prostitutas que recebem de alguns clientes uma quantia importante de dinheiro por mês. Elas costumam então qualificar este dinheiro como uma "ajuda", apesar de que indicam que têm que ser mais flexíveis e "agradar" mais estes clientes.

Em seu trabalho, as profissionais do sexo devem mobilizar uma série de habilidades comerciais e emocionais, importantes para negociar os termos do programa e interagir com a clientela. Elas aprendem a "manipular afetuosamente" os clientes, de maneira a minimizar o trabalho sexual que realizam, aumentar seu lucro e, ao mesmo tempo, tentar fazer com que o cliente volte. Elas se esforçam em desvendar as demandas e o estilo de mulher procurados para melhor adequar a atitude a ser encenada no programa. Os discursos de prostitutas e de clientes dos hotéis salientam a relevância de qualidades como a afetuosidade, a simpatia, a educação e a comunicabilidade para o sucesso de uma profissional do sexo. Estas fazem então um "trabalho emocional" (HOCHSCHILD, 2003), de maneira a mobilizar seus afetos, de maneira mais superficial ou profunda, ajustando-os à situação e ao que é esperado delas.

Além de ser mais eficiente para captar a clientela, os afetos tornam o trabalho mais significativo para as prostitutas, já que elas se sentem valorizadas de oferecem conforto e de serem queridas pelos clientes. Mas, ao mesmo tempo, a atenção ao outro e a implicação afetiva dificultam a preservação da "boa distancia" (JEANTET, 2003) entre vida profissional e particular, como acontece em outras profissões, principalmente aquelas consideradas tipicamente femininas. Esta mistura se torna ainda especialmente complicada porque a prostituição afeta o poder de sedução e a sensação de feminilidade destas mulheres.

As trocas afetivas, econômicas e sexuais entre prostitutas e clientes, assim como a maior afinidade e cumplicidade entre alguns, fazem com que muitas mulheres acabam realmente desenvolvendo um afeto por alguns clientes. Elas falam em termos de amizade, mas demonstram também um prazer com o jogo de sedução que é cultivado na relação. Na maioria dos casos, mesmo com o desenvolvimento de um vínculo afetivo, o caráter mercantil da relação continua claro para ambos. Mas há também situações em que os sentimentos se embaralham. É frequente que clientes se declararem apaixonados por

uma profissional do sexo. Alguns fazem promessas de amor e de casamento que não são nunca cumpridas; outros se mostram mais persistentes. As prostitutas também são tocadas por alguns dos homens que as frequentam: algumas mantêm suas paixões em silêncio, outras as revelam ao cliente.

Na indústria do sexo, os relacionamentos se tornam às vezes ambíguos, pelo menos para um dos parceiros. A confusão sobre o estatuto da relação é mais comum em algumas configurações, como em situações de turismo sexual ou em contextos em que é corriqueiro que a prostituta vise o casamento com um cliente de maneira a conseguir um visto de residência em um país estrangeiro. (Cf. PISCITELLI, 2007a, 2007b; LIEBER; LÉVY, 2010; COHEN, 1996; ROUX, 2009; BRENNAN, 2004; RIBEIRO *et al.*, 2005) Na zona boêmia, a "troca econômica-sexual" (TABET, 2004) é explícita e não se coloca o contato entre pessoas de nacionalidade diferente, mas o desenvolvimento de uma relação pessoal entre parceiros que se conheceram através a prostituição é também comum.

Muitas prostitutas dos hotéis dizem evitar de sair com um cliente, mas a maioria dos relacionamentos que tiveram depois que começaram a fazer programas foi com um homem conhecido no ambiente de trabalho. Isto é facilitado pelo fato de que os clientes já sabem de antemão a atividade que elas realizam, e assim, as profissionais do sexo evitam os conflitos em torno da ocultação ou da revelação da prostituição. Além disso, a grande rotatividade de clientes nos hotéis possibilita constantes novos contatos. Entre os numerosos homens que estas mulheres recebem, alguns as atraem ou as sensibilizam pela atenção com que as tratam. Outro fator que favorece a formação de casais é que as prostitutas ficam normalmente no mesmo hotel, às vezes, no mesmo quarto durante anos. Assim, os encontros podem ser facilmente repetidos e quando há uma afinidade entre os parceiros, o tom da relação às vezes muda.

A proximidade social entre os clientes e as prostitutas na zona boêmia favorece também o engajamento entre eles. Na Avenida Afonso Pena, onde a clientela é geralmente de classe média ou alta, as profissionais saem às vezes com clientes, mas é mais raro. Mesmo a fidelização de clientes é menos freqüente que na zona boêmia. O tipo de contato estabelecido é influenciado pela posição social da prostituta e do cliente e também pelo espaço em que o trabalho do sexo é realizado. Na Avenida Afonso Pena,

por exemplo, os programas realizados nos carros costumam ser rápidos e, além disso, a presença da prostituta em um ponto da avenida não é sempre constante. Muitas não vão trabalhar cotidianamente.

No Bois de Bologne também há uma diferença entre as profissionais do sexo que trabalham em furgões e as que fazem programa no meio do bosque. As prostitutas que trabalham em furgões passam mais tempo com cada cliente e costumam ter clientes fixos. Beatriz, uma mulher brasileira, tem clientes fixos que a frequentam há mais de treze anos e tem mais intimidade com alguns deles. Uma vez que está solteira, considera também a possibilidade de sair com clientes que a agradam. Já as prostitutas que fazem o programa no meio do bosque têm um contato breve com a clientela. O medo de serem pegos pela polícia aumenta ainda mais a rapidez da interação. Segundo Kelly, uma travesti brasileira, os clientes saem sem mesmo dizer “tchau”.

As relações pessoais das prostitutas

Nos hotéis de Belo Horizonte, muitas prostitutas dizem querer encontrar um homem com uma boa situação de vida, que possa sustentá-la e a seus filhos. Elas defendem o “contrato conjugal tradicional” (MACHADO, 2001) e julgam que o homem é responsável pelo sustento financeiro e que a mulher deve exclusividade sexual ao seu parceiro. No entanto, na prática, se esbarram com os problemas deste modelo, uma vez que valorizam sua própria independência e a capacidade que tiveram de criar seus filhos sozinhas e de dar a eles uma boa condição de vida. Além disso, apontam para o fato de que grande parte dos clientes ganha menos do que elas e não poderia mantê-las com o mesmo padrão de vida. Outro ponto importante é que a maioria das prostitutas entrevistadas aspira a um amor romântico. Consideram a possibilidade de se engajarem com um homem em função de sua condição financeira e analisam minuciosamente a condição financeira, a estabilidade e o caráter de seus pretendentes. Mas os relacionamentos em que elas se envolvem efetivamente são motivados principalmente por seus sentimentos amorosos.

No entanto, as entrevistadas saem constantemente frustradas de seus relacionamentos pessoais – anteriores ou posteriores ao início da prostituição. Elas descrevem os homens

como infiéis e irresponsáveis com relação ao sustento da família e ao engajamento na relação de casal. As prostitutas dos hotéis apontam que, após a entrada "na vida", a possibilidade de um relacionamento afetivo-sexual se torna ainda mais complicado, já que elas acham que um homem "de verdade" não as deixaria continuar na profissão. Dizem que uma relação amorosa, com a necessária exclusividade sexual da mulher, é incompatível com a prostituição.

Mas muitas profissionais do sexo, principalmente as mulheres com menos de quarenta anos, continuam se envolvendo em novas histórias. Alguns relacionamentos com clientes viram namoro, que se tornam mais ou menos sérios. Há casos de homens casados e de homens solteiros que não se engajam seriamente com a prostituta. Já quando o namoro se torna sério, surge o dilema da prostituta deixar ou continuar na prostituição. Muitas delas desejam por si mesmas parar esta atividade quando se sentem envolvidas em um relacionamento, pois começam a se sentir mal de fazer programas quando estão apaixonadas. Contudo, largar a prostituição implica ser sustentada pelo parceiro, muitas vezes, diminuir o nível de vida da prostituta, assim como o de seus filhos, e depender da distribuição de renda decidida pelo "marido".

Muitas mulheres que deixaram a prostituição para morar com o parceiro voltam aos hotéis após a separação ou quando seu parceiro está desempregado. Em uma entrevista, Eduarda e Fabiana discutem sobre os problemas de deixar a prostituição por causa de um homem, sobre os efeitos da dependência financeira e o peso do trabalho reprodutivo. Fabiana havia recentemente se separado de seu marido, um cliente com quem se envolveu. Ela tinha deixado a prostituição para morarem juntos e eles tiveram um filho, mas a relação não deu certo e ela voltou aos hotéis. Eduarda mora há anos com um homem que conheceu nos hotéis, mas continuou a fazer programas.

“Fabiana: Não é bom a gente se envolver assim não, viu, a gente toma muito na cara!

- M: É difícil, a relação?

- Fabiana: É, é difícil. Primeiro, é difícil a mulher se libertar disso daqui. A gente fala: ‘Vou embora, eu não vou voltar!’ Acaba voltando, né Eduarda? Nunca se pode falar ‘acabou’.

- Eduarda: : Tem que falar ‘Eu não vou sair, pronto, acabou!’ Ou então, o homem tem que ter muito dinheiro!

- Fabiana: Nem é muito dinheiro, porque eu vejo mulher que tem muito dinheiro e volta...

[...]

- Eduarda: É porque acontece o seguinte, a gente pede, eles amarram... aí, é onde você vem.

- Fabiana: E exige muita coisa da gente! Eles ficam assim logo de cara: ‘A gente vai ficar junto, você vai parar de ir naquele lugar, não sei o quê, vai viver uma vida decente’, exige muita coisa. Falei: ‘Não é assim não! Não é assim pegando, achando que é um objeto, falar: você saiu de lá, vai pro tanque, lavar, passar, cuidar de menino!’ É aí que vêm os problemas, porque é difícil uma mulher aceitar um homem que ganha um salário mínimo lá fora. Aqui de dentro, porque ela tá acostumada com a vida, entendeu?
- Eduarda: A gente até fica dura, dura mesmo, mas você se contenta porque não tem ninguém. Mas sabendo que você tem um homem, faltar um leite pro seu filho! Nossa senhora, a gente entra em pânico.
- Fabiana: Você quer fazer o cabelo, quer fazer a unha, quer ter uma sandália, uma roupa, vai pedir eles: ‘Quê isso, menina, você tá cheia de sandália aí no guarda roupa!’ ”

Acontece também do parceiro da prostituta que continua a trabalhar se torne mais ciumento. Ele aceita que ela faça programas, inclusive porque usufrui do dinheiro dos programas, mas começa a controlar a circulação e a atitude da mulher fora dos hotéis. Assim, as entrevistadas fazem comparações das vantagens e das desvantagens do casamento e da prostituição, considerando ambas como opções de subsistência. O cálculo dos benefícios econômicos de seus relacionamentos pessoais é mais acentuado na fala daquelas que estão com dificuldades financeiras.

Carolina conta que estava morando com um homem que ganhava apenas o suficiente para sustentá-los. Ela considerou que ele gastava dinheiro com bebida e talvez até com mulheres e que assim não valia a pena ficar com ele. Além disso, ele chegava tonto em casa e insistia para que ela fizesse sexo com ele. Ela pensou então: "Era melhor eu estar na zona, que na zona eu ganho dinheiro e aqui é de graça!" Carolina voltou para a prostituição, mas estava fazendo poucos programas e estava com dificuldade de pagar as diárias. Procurava um outro parceiro que a sustentasse e contava frequentemente de suas novas opções, mas nenhum parecia completamente conveniente. Ela saiu então dos hotéis e começou a vender jornal.

A sexualidade em práticas

Ao mesmo tempo em que as prostitutas reclamam dos homens, quando falam dos clientes, reproduzem as queixas destes de que eles são carentes e de que suas esposas são frias e impacientes. Oscilam entre uma atitude compreensiva em relação aos clientes e uma identificação com suas esposas. Esta alternância reflete a confrontação entre sua identidade de gênero e sua identidade profissional. Várias profissionais apontam para o

fato de que as mulheres não sabem administrar a psicologia masculina, que diferenciam da feminina, uma vez que os homens dão uma importância central ao sexo. Marcela descreve esta diferença:

“Na verdade, a transa pro homem é um descarrego do stress. Você veja bem, o homem tem a responsabilidade de pagar aluguel, pagar as contas de casa, trabalhar... Briga com o patrão, briga com não sei o quê... ele chega em casa... O carinho, amor pro homem é sexo, não é companheirismo. É que a mulher também precisa entender esse lado. Amor, apoio, pro homem, é transar! Pode até botar no colo, ele chorar, mas se você não transar, não tá bom. Amor, pro homem é diferente. Pra mulher, sexo é complemento; pro homem, é prioridade. É nisso que o relacionamento fica batendo, entendeu?” (Marcela)

A maioria das prostitutas entrevistadas descreve o desejo sexual masculino como constante e como mais incontrolável que o desejo sexual feminino. Citam também a atração dos homens pela variabilidade de experiências sexuais. A visão que apresentam da sexualidade masculina é assim concordante com o modelo sexual hegemônico no Brasil. (HEILBORN, 1998)

Além disso, algumas prostitutas e clientes exprimem a visão de que uma mulher "honrada" deve restringir as práticas sexuais que realiza e se referem principalmente à realização do sexo anal, como veremos adiante. De acordo com o discurso de uma parte dos entrevistados, o repertório de práticas sexuais consideradas possíveis ou desejáveis, segundo o sexo da pessoa, é similar ao que foi encontrado em outros estudos brasileiros. Em uma pesquisa sobre um grupo de baixa renda da periferia de Porto Alegre, Ondina Leal percebeu que os depoimentos dos homens são principalmente “associados a um ideal de práticas sexuais ‘permissivas’ ” (LEAL, O., 1998, p. 13), isto é, que não faz restrição a nenhum tipo de prática sexual. Já as respostas das mulheres são associadas a práticas “restritivas”, ou seja, algumas práticas são excluídas de seu repertório sexual possível.

Andréa Leal, analisando os dados qualitativos da pesquisa Gravid (Gravidez na adolescência : estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil)², observa que os jovens homens e mulheres entrevistados associam as relações sexuais conjugais predominantemente ao sexo vaginal, por eles qualificados de sexo “normal” ou “básico”. Algumas outras práticas sexuais são geralmente passíveis de serem realizadas,

² Pesquisa realizada em três cidades brasileiras – Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre – com jovens de 18 a 24 anos. (LEAL, A., 2005)

segundo as circunstâncias em que se dão. Os homens fazem principalmente uma distinção entre as relações sexuais possíveis com uma parceira estável e com uma parceira eventual, pois consideram a parceira fixa “limpa”, contrariamente às prostitutas e às mulheres “fáceis”. Esta “limpeza” pode ser de ordem física ou moral, o que implica dois discursos dicotômicos.

“Quando o discurso masculino enfatiza a limpeza no plano físico, inclui (ou pressupõe) a idéia de que a penetração de qualquer um dos orifícios não implicará a poluição do pênis/língua do parceiro/marido. O homem se sente assegurado quanto à *limpeza*, pois esta é também relativa ao plano moral : a fidelidade conjugal da parceira/esposa funciona como garantia de limpeza (somente ele tem acesso físico àquele corpo). Portanto, a manutenção da limpeza da esposa significa a manutenção de uma *pureza* moral, que se traduz em exclusividade sexual e, em certo sentido, em *recato*. Neste tipo de discurso, o coito oral e/ou anal pode ser feito *apenas* com a esposa, considerada limpa e não poluidora.” (LEAL, A., 2005, p. 69)

Esta relação é invertida no discurso que põe a “limpeza moral” em primeiro plano: neste caso, as práticas orais e anais são excluídas do sexo conjugal a fim de preservar a honra da parceira, mas podem ser realizadas com mulheres “sem-vergonha” ou “que não se dão o respeito”. Na zona boêmia de Belo Horizonte, estas duas lógicas aparecem igualmente. Para alguns clientes, o contato sexual, principalmente anal, com uma prostituta suscita um medo de “poluição”. Paulo, que trabalha há alguns meses como segurança de um hotel e que frequentava desde antes a zona boêmia como cliente, fala das diferenças entre a relação com uma prostituta e com sua parceira:

“Paulo: A mulher da gente, até então, quando tá com a gente, é só da gente! E mulher de hotel, não, mulher de hotel..fica com quem ela entende e trabalha né! Você não sabe... se ela tá te convidando pra fazer programa, se ela já fez com outro e vai atender a gente. E namorada é diferente né...

- M: Ficou com outro, como?

- Paulo: Ah, de repente vem uma mulher que... trabalha aqui, por exemplo, vem trabalhar aqui. Ela trabalha aqui, mas às vezes ela vai em outro hotel. Liguei pra ela: “Vamos ficar junto hoje?” Eu ligo pra ela, ela sai com outra pessoa, depois fica comigo. É bem diferente... Não dá pra gente observar se é né... Mas a confiança é totalmente diferente. Minha namorada eu SEI, só tem caso comigo, agora mulher de hotel, é isso aí.... mulher de hotel não presta! Pra mim, até então, se não fosse gente que não prestasse, eu gostava dela. Mas há essa diferença.”

Daniel também diferencia a "limpeza física" de sua esposa e das profissionais do sexo. Ele tem frequentemente relações sexuais com sua mulher. Eles realizam sexo oral e, de vez em quando, anal, mas não é sempre que sua mulher consegue relaxar a fim de realizar tal prática. Eles costumam também ver filmes pornográficos antes de iniciar o ato

sexual, de maneira a esquentar a relação e “não cair na monotonia”. Assim, Daniel faz programas sobretudo para variar as parceiras sexuais. Mas com as profissionais, ele não realiza sexo anal, porque tem medo da camisinha estourar.

Há clientes que se queixam do respeito de suas esposas à noção de "limpeza moral": elas restringem as práticas sexuais que realizam, pois associam o sexo oral e/ou anal à “putaria”. Guilherme não gosta de sexo anal, pois acha nojento. Mas ele reclama que sua mulher não aceita fazer sexo oral com ele: “Fala que não é mulher disso, que não é puta. Fica brava.”

Manuel demonstra um conflito entre o privilégio da noção de "limpeza" física ou moral. Ele realiza todo tipo de práticas sexuais com profissionais do sexo. No entanto, ele suspeita da impureza delas e testa a fiabilidade de algumas propondo um programa sem camisinha. Além disso, ele diz que evita de as beijar na boca porque algumas fazem sexo oral sem camisinha. Manuel comenta que, por conta disto : “Minha mulher animada, eu prefiro ficar com ela.” Sua mulher já tentou fazer sexo anal com ele, mas não conseguiu. Ele diz que, por respeito, ele não insistiu. Ele explica: “Ah, sei lá, menina, eu acho que isso aí é mais em programa de hotel, né, e igual a gente vê em filme pornô... Não sei se é o jeito que fui criado, acho que só mulher da vida...”

A associação entre a honra das mulheres e as práticas sexuais que realizam se dá também no interior da prostituição. Rodolfo tem vontade de fazer o programa “completo”, quer dizer, o programa com sexo anal. Ele diz que todo homem tem este desejo. No entanto, ele não tem coragem de pedir esta prática à prostituta que frequenta, pois tem medo de ofendê-la.

Entre as prostitutas que não fazem o programa "completo", algumas alegam sentir um desconforto físico ou medo de prejudicarem sua saúde. Elas falam que não vale a pena sofrer tanto por cobiça. Mas há também profissionais que associam o sexo anal à desvalorização da mulher. Elas dizem que aceitar tal prática seria uma humilhação e que não é necessário realizar sexo anal para conquistar um homem. Algumas evocam uma função “natural” do orifício anal, que não é feito para ser utilizado sexualmente.

“Eu acho que Deus deixou pra você: os olhos, pra você enxergar; a boca, pra você se alimentar; o nariz, pra você sentir olfato. Então, tudo está no seu devido lugar. E deixou a vagina para quê? Pro homem utilizar. E o anus, ele deixou pra quê? Tem outra utilidade. Então, eu sou bem por aí, sou da moda antiga, então não faço por dinheiro nenhum! [...] Eu

acho que a mulher, ela tem outros encantos sem ter que usar esse, né? Você não precisa necessariamente fazer tudo pra agradar... [...] Porque o parceiro que acha que todo buraco que você tem no corpo é pra ele sair utilizando, que respeito ele tem por você? Que amor é esse? Que sentimento é esse que ele tem por você? Ele tem que respeitar você primeiro como mulher.” (Daniela)

Julia diz que ela faz provavelmente "menos que uma esposa" e julga que as jovens prostitutas que se exibem nuas nos corredores são vulgares. Há prostitutas que evitam de tirar toda a roupa e não deixam os clientes encostarem muito em seu corpo. Elas descrevem frequentemente uma repulsão ao contato corporal com estes homens.

A felação é uma prática mais banalizada entre as profissionais do sexo. Esta prática é historicamente uma especialidade da prostituição e continua a ser mais praticada pelos homens em suas relações com prostitutas que com parceiras fixas. (BOZON, 2002; HEILBORN *et al.*, 2006). Além disso, o sexo oral passou por uma forte valorização no final do século XIX. Na prostituição de rua, é comum que a felação seja procurada de maneira exclusiva (Cf. também GIL, 2005; LEVER; DOLNICK, 2000), provavelmente porque é uma prática mais facilmente realizada em um automóvel. Nos hotéis da zona boêmia, ela se caracteriza como o ato que inicia o programa, sendo seguida pela penetração vaginal. Barbara descreve a sequência do programa e a maneira como ela gera o ato sexual durante a penetração vaginal:

“Geralmente, o primeiro de tudo é a chupada. Aí, acabou de chupar, fala assim: ‘Vamos lá, meu bem?’ Só, que tipo assim, quando o homem permanece... é uma certa habilidade que a gente desenvolve, de saber como que o homem quer. Quando eles permanecem deitados, é que eles querem que a mulher deite por cima. Mas quando a gente acaba de chupar, já têm aqueles que levantam. Então, quer dizer, querem começar de outra maneira... Quando eles se levantam, eu pergunto: ‘Como você quer começar, meu bem?’, ‘Assim’, aí eu falo: ‘Tudo bem, se você quiser uma outra, você fala, que a gente troca.’ Aí, beleza. Mas geralmente é o seguinte: eu costumo coordenar, a não ser quando eu vejo que o homem tá querendo de uma maneira diferente...”

No programa “básico”, o cliente pode escolher até três posições, mas segundo as prostitutas, eles gozam geralmente antes da terceira. As posições mais realizadas são o “papai-mamãe”, "a mulher em cima" e “de quatro”. As entrevistadas dizem se acostumar fisicamente com a quantidade de programa que fazem por dia e, em geral, não sentem dor com a penetração vaginal. Mas muitas consideram desagradável a posição chamada de “galinha assada”, em que mulher fica deitada, com as pernas para cima. Algumas indicam também que a posição “de quatro”, se praticada muitas vezes ao dia ou em períodos pré-menstruais, pode provocar dores na vagina ou na coluna. Mas normalmente,

as entrevistadas gostam desta posição porque o contato com o corpo do cliente é minimizado e, além disso, os clientes gozam mais rápido.

Outro fator importante na realização do sexo vaginal e sobretudo no sexo anal é o tamanho do órgão sexual do cliente. Um pênis muito grande é mal visto pela maioria das prostitutas dos hotéis e provoca restrições quanto às posições sexuais que elas aceitam realizar. Algumas chegam a cancelar o programa com sexo anal quando o homem tira a roupa. Para poupar conflitos dentro do quarto, as prostitutas informam umas às outras quais clientes têm um grande órgão sexual, de maneira a que elas os evitem. Paula fala da valorização dos órgãos sexuais pequenos, comum na zona boêmia, e que as profissionais do sexo transmitem aos clientes.

“Tem homem que fala: ‘Ah, meu pinto é pequeno’, ‘Tá de bom tamanho, porque no meu quarto, comigo, se o pinto for muito grande, leva prejuízo, porque eu entro em acordo!’ Aí, eles falam, ‘É, pode ser’. Falo: ‘Tamanho não é documento não’. Têm uns que têm grande e não é tão bom... Tem que saber que o que manda não é o tamanho do pinto, é o homem saber usar. Que tem homem que sobe em cima, a gente até vomita. Você olha o homem e fala assim: ‘É um deus grego, deve ser bom de cama!’ Aí, quando você vai pra cama com ele... não sabe usar o corpo, não sabe usar a cabeça, não sabe usar principalmente o pinto. E se acha ainda!”

As profissionais do sexo se queixam da performance sexual de alguns clientes que elas dizem “socá-las” durante a penetração. Elas atribuem às vezes este modelo de interação sexual brusco à pornografia.

Embora menos frequente que a felação, muitos clientes desejam fazer uma cunilíngua nas profissionais do sexo. Talvez esta demanda seja ligada à erotização do sexo oral nas últimas décadas, assim como à valorização do ato de dar prazer à parceira. (BAJOS; BOZON, 2008) Muitos clientes verbalizam aliás o desejo de fazer a prostituta gozar, o que costuma provocar nelas uma certa irritação. Juliana diz a eles que toma remédio para não gozar; Carolina fala: "Não se preocupe comigo não, faça seu lado que o meu... eu sei fazer sozinha." Uma grande parte das entrevistadas aceita a cunilíngua no programa, mas algumas o permitem apenas a clientes fixos ou a homens cuja boca tem um aspecto saudável (a maioria delas realiza esta prática sem a utilização de um preservativo cortado).

O beijo na boca também não é raro na zona boêmia. Ele é normalmente considerado como o símbolo da intimidade preservada da profissional do sexo. As prostitutas dos

hotéis associam também este ato ao desejo e à paixão e sentem repugnância à idéia de beijar a boca de todos os clientes. Mas muitas delas beijam certos clientes, por razões profissionais ou pessoais : aqueles que se propõem a pagar mais pelo beijo; que gozam mais rápido beijando na boca; clientes preferenciais; ou homens que elas acham limpos e atraentes e sentem vontade de beijar.

Diversas técnicas que favorecem o gozo do cliente são utilizadas pelas profissionais do sexo. Com este objetivo, produzem gemidos e sussurram frases, muitas vezes afetivas, como “Meu amor, eu te adoro” e “Vem, benzinho”. A simulação do orgasmo para aumentar a excitação do cliente é clássica na prostituição. (HANDMAN, 2006) Ela é também uma maneira de satisfazer o cliente, alimentando seu ego e reforçando seu sentimento de virilidade, mesmo se a maioria dos clientes sabe que a prostituta está simulando. O importante para os clientes é, muitas vezes, mais a "performance da autenticidade" que a autenticidade. (FRANK, 2002) A confusão entre a simulação e a realidade alimenta a intensidade das interações.

Duas mulheres da zona boêmia falam da simulação do gozo como estratégia para conquistar a clientela.

“Olha o que eu faço... o homem tá no meu quarto, eu falo assim que eu gozei com ele. Eles acreditam... Aí, eu falo: ‘Não conta pra ninguém que eu gozei com você porque eu não quero que a mulherada fique sabendo, elas não gostam’.” (Sofia)

“A profissional, ela sabe flexionar os músculos da vagina pro homem pensar que ela sentiu prazer, pra ele se sentir o homem mais machão do mundo, pra ele sentir: ‘Nossa, eu sou O bom, eu fiz ela sentir prazer’, pra que ele não se sinta diminuído, né? E pra que ele saia daqui satisfeito, pra que venha sempre outro cliente e outro cliente. Então uma profissional do sexo, ela tem que ser atriz, ela tem que ser realmente uma profissional, o que hoje em dia tá escasso. Ser profissional do sexo não é só você ver o que você tá ganhando pra fazer o sexo não, é você fazer o homem se sentir másculo! É você fazer o homem se sentir... poderoso. E assim, você vai conseguindo cada vez mais a sua clientela. Então: ‘Eu só vou com ela, porque eu consigo fazer ela gozar!’ ” (Daniela)

A expectativa das mulheres quanto ao prazer sexual aumentou no século XIX, ligada à importância dada à reciprocidade do prazer entre parceiros sexuais (BÉJIN, 1990) e à reivindicações feministas (AUTAIN, 2002; BLAND, 1983; GIAMI, 1999). Mas houve também uma associação do gozo feminino à capacidade viril do homem. Segundo Stevi Jackson e Sue Scott, “a virilidade de um homem é representada tanto pelo controle de sua própria resposta sexual quanto pelo de sua parceira.” (JACKSON, S.; SCOTT, 2007, p.

105) O relato das profissionais do sexo corrobora com esta visão de que a capacidade de um homem fazer uma mulher gozar foi conectada à virilidade.

A atenção às normas sexuais e às demonstrações de virilidade é constante nos programas. As profissionais do sexo observam as práticas desejadas pelos clientes, mesmo se muitas vezes não comentam suas opiniões sobre o que julgam inadequado. As entrevistadas dizem que nos hotéis é freqüente que os clientes peçam o uso de consolo ou a penetração anal através do dedo da profissional. As prostitutas que vêm de outros Estados indicam que em Minas Gerais os homens pedem mais este tipo de práticas que em outros lugares. Na Avenida Afonso Pena, a demanda por penetração anal insertiva aparece também: algumas profissionais dizem que os homens procuram mais as travestis quando querem este tipo de prática, mas outras contam que esta demanda é constante. Segundo Raquel, as prostitutas da avenida se referem aos clientes que têm vontade de fazê-lo, mas ainda não concretizaram o ato dizendo “fulano está ensaiando para dar o cu”. Raquel tenta dissuadir estes clientes de começar a usar consolos, prevenindo-os de que não conseguiriam mais parar.

Na zona boêmia, há prostitutas que não gostam de realizar práticas insertivas nos clientes: acham nojento e também absurdo que eles peçam isto. Algumas o fazem somente em clientes fixos. Mas muitas se contentam de ganhar mais dinheiro com este tipo de programa. Há prostitutas mais especializadas nas práticas anais insertivas; elas possuem diferentes tamanhos de consolo, expostos no quarto para atirar a clientela. Priscila é uma delas. Ela cobra R\$15 pelo programa, se houver apenas a penetração do cliente, R\$20 se ele quiser também penetrá-la.

“Priscila: Meu bem, é o que mais tem aqui... homem que gosta de brinquedinho. Aqui em Minas...vou te contar, é 90%, vamos dizer assim...

- M: No Rio³, não?

- Priscila: No Rio, se tem, são enrustidos, entendeu? Não se declaram não. Mas aqui, é declarado! O cara passa ali quase babando... olhando direto pro consolo, aí eu já sei. [...] Aquele ali é de 29 centímetros. É o que eu mais uso, acredite se quiser!

- M: E aquele negócio preto ali?

- Priscila: Aquilo ali é uma cinta, pra quem prefere, né, na fantasia deles é um homem que tá comendo eles. Bota a conta, adapta o consolo, né, e eu encaixo.

- M: Eles pedem mais com a cinta?

- Priscila: Eles gostam mais com a cinta, eu prefiro sem a cinta, então, eu nunca pergunto: ‘Quer que use cinta?’ Já vou direto sem a cinta, agora ‘Ah, você não usa cinta não?’,

³ Priscila trabalhava em termas, no Rio.

‘Uso!’. Mas eu não gosto muito de fazer com a cinta não, porque prende o movimento. Afinal de contas, eu não sou homem, homem que tem prática! Então, eu prefiro ir com a mão mesmo, que eu tô vendo o quê que eu to fazendo e não me sujo, né, porque faço de um jeito lá, boto bastante creme, quer dizer, não machuco, e também não suja...”

Para as mulheres entrevistadas, todo homem que sente algum prazer no anus é objeto de suspeição homossexual. Muitas prostitutas declaram não saber o que significa esse desejo dos clientes, mas acreditam que eles são homossexuais ou bissexuais. Algumas afirmam convictamente que o prazer anal do homem está ligado à homossexualidade e que estes clientes procuram prostitutas porque não tem coragem de sair com um homem. O sexo anal é especialmente carregado de valor no Brasil. Segundo Richard Parker (1997), as relações sexuais são organizadas em torno da divisão entre “atividade masculina” e “passividade feminina”. O papel ativo na relação sexual remete à dominação e à virilidade. Um homem que ocupa um papel passivo tem sua masculinidade desvalorizada. As profissionais do sexo entrevistadas contam que os clientes demonstram às vezes vergonha de pedir para serem tocados no anus e o fazem depois de já ter feito mais programas com uma mesma mulher. Acontece também de dirigem a mão da profissional até o anus e de explicarem após o ato que nunca tinham feito isto antes. Catarina, que trabalha na zona boêmia, relata que alguns clientes perguntam a ela se eles são homossexuais.

As profissionais da zona boêmia associam os clientes que pedem uma penetração anal insertiva e aqueles que desejam colocar um traje feminino e serem tratados como mulher durante o programa.

“Denise: Tem homem que você acha que é homem, não passa de um tremendo de um boiola... Quer que enfia coisa neles, quer rebolar no quarto...”

- Catarina: Quer vestir a roupa da gente...

- Denise: Quer vestir a roupa da gente, colocar maquiagem... Muito, isso é todo dia.”

Elas se chocam com homens que tiram a roupa no quarto e revelam uma lingerie feminina. Don Kulick (1998) percebeu que os clientes que desejam se vestir em trajes femininos também causam uma reação de estranhamento em travestis de Salvador.

O olhar sobre a sexualidade dos homens se coloca também quando dois homens interagem em uma mesma cena sexual. Nos hotéis, há clientes que pagam para ver as prostitutas terem uma relação sexual com um outro cliente ou para que elas arranjam um outro homem, geralmente algum cliente que passa, para interagir sexualmente com eles

(caso em que o outro homem ganha uma porcentagem do programa). Há também programas em que dois clientes entram juntos. Enquanto a prostituta faz sexo oral em um, o outro a penetra. Depois, o que recebia a felação passa à penetração. Juliana diz que sempre acontece do segundo a realizar a penetração não conseguir gozar. Ela acha que o que “brochou” é homossexual, sem no entanto saber explicar porquê.

Manuel, um cliente, conta que uma prostituta já o propôs R\$20 para fazer um programa com ela e outro cliente. Ele não teve coragem, principalmente porque era um homem desconhecido. Contudo, Manuel tem curiosidade de fazer um programa com uma prostituta e um outro homem. Ele já o propôs a um colega de trabalho, mas este reagiu mal e Manuel fingiu que estava brincando.

“Não sei se é porque eu já vi em filme né, entendeu? Filme pornô, ficar dois caras e uma mulher. Até vi com um colega meu lá, que eu tenho liberdade: ‘Vamos lá’, ‘Tá doido, vamos dividir uma mulher no meio? Tenho coragem não!’, ‘Não, tô brincando, também não tenho coragem não!’, é porque já vi em filme pornô.

Manuel já fez uma vez programa com duas prostitutas ao mesmo tempo. Ele pagou R\$10 para cada. Ele se diz decepcionado com a experiência, porque tinha imaginado que seria como vê em filme pornográfico, mas a prática não esteve à altura de sua fantasia. Ele se deu conta de que prefere a relação sexual a dois, porque tem mais carinho. Ele diz: “Uma se masturbou pra outra. Só pra mim gozar mais rápido, porque o cara tem a imaginação de ver a mulher tocando a outra.” Manuel queria ter feito sexo anal em uma, enquanto as duas se tocavam, mas a prostituta não deixou, porque ele já tinha pago para fazer apenas sexo vaginal.

As prostitutas que fazem o programa em dupla ressaltam que costumam fazer somente com uma mulher em quem têm confiança, porque simulam sempre a interação sexual entre elas. Para muitas prostitutas da zona boêmia, a idéia de ter uma relação sexual paga com outra mulher é estranha, aparentemente mais que para as mulheres que trabalham na Avenida Afonso Pena. Talvez porque estas estão mais acostumadas a fazer programa com casais, o que não existe na zona boêmia (inclusive porque a entrada de mulheres não profissionais não é permitida nos hotéis).

Assim, os discursos das prostitutas sobre algumas práticas – tais como o sexo anal e o sexo com mais de um parceiro – assim como sobre a posição ocupada por cada parceiro e seu sexo apontam para as fortes conexões entre as representações da sexualidade e de

gênero. Mas ao mesmo tempo, as narrativas das profissionais do sexo sobre as diferentes práticas sexuais pedidas pelos clientes indicam uma hierarquização específica à sexualidade, tal como apontada por Gayle Rubin (RUBIN; BUTLER, 2002). Rubin aponta um sistema de opressão sexual, em que os atos sexuais são carregados de um excesso de significação e recebem diferentes graus de legitimidade.

As prostitutas, apesar de se situarem junto aos grupos mais baixos desta hierarquização – ao lado de travestis e transexuais, sadomasoquistas e pessoas cuja sexualidade transgredem as fronteiras geracionais – reproduzem os graus de aprovação social dirigida às diferentes formas de sexualidade. Alfred Kinsey (1948) observou que as prostitutas, geralmente originárias de classes sociais desfavorecidas, apresentam frequentemente concepções da sexualidade tradicionais. Segundo Kinsey, elas tendem a considerar outras técnicas além da relação genital como perversas, anormais ou estranhas. Elas realizam a demanda dos clientes, mas não respeitam os homens que desejam tais práticas e não as incorporam em sua vida privada.

Na zona boêmia, a maioria dos programas são “convencionais”, mas também são realizadas uma série de práticas socialmente consideradas inadequadas, como formas de fetichismo e de dominação. As prostitutas dos hotéis consideram também estas práticas como estranhas e anormais. Riem ou exprimem nojo ao contar os casos dos clientes que as pedem. Mas, durante o programa, tratam geralmente os pedidos de maneira profissional e realizam as diversas “fantasias” – como as qualificam. Elas se fixam no dinheiro que vão receber e alegam que são os clientes que se desqualificam através do desejo de realizar estas práticas, não elas.

As reações às práticas “desviantes” são variáveis de acordo com a profissional e sobretudo de acordo com o tipo de “fantasia” pedido. O fetiche por calcinha é tratado de maneira mais banal. As entrevistadas contam que há muitos clientes que guardam a calcinha usada pela prostituta ou que levam uma calcinha para a prostituta usar durante o programa. Relatam também casos de clientes que as chamam pelo nome de outra mulher. As entrevistadas acham engraçado, mas isto não as choca. Já quando se trata do nome da filha do cliente, elas se mostram indignadas. As fantasias incestuosas não aparecem muito nas entrevistas, mas as prostitutas que se referem a este tipo de desejo demonstram sua reprovação e algumas negam fazer este tipo de encenação.

Quanto mais o desejo se afasta da normatividade sexual, mais estranheza causa às profissionais do sexo. Elas se mostram ainda mais surpresas quando é um homem com boa aparência que faz pedidos não convencionais. Catarina conta o caso de um cliente que se excita evocando uma relação sexual entre a esposa dele e um outro homem:

“Tem um menininho arrumadinho, novinho, todo bonitinho. Aí ele vem cá e fala: ‘E agora, hein? O quê que a minha mulher está fazendo agora? Deve estar dando pr’um negão’. Ele fala: ‘Será que tá mesmo? Não...’. Eu falo: ‘Tá!’. O pinto dele fica duro na hora, na hora que ele fala do negão... (Risos)” (Catarina)

"Tinha um rapaz bonitinho, que eu acho até que ele fazia academia e tudo! Ele pedia pra gente escarrar mesmo, catarro. Ai, gente, eu acho que eu vomito, na hora! Um cara desse, eu não deixo nem entrar no meu quarto!" (Beth)

As práticas que envolvem fluídos corporais estão entre as que suscitam mais aversão nas prostitutas. Várias realizam este tipo de programa – cobrando mais, às vezes o dobro do programa – mas torcem o nariz ao evocá-las. Entretanto, demonstram também uma certa satisfação de contar demandas chocantes. O nojo provoca um movimento de rejeição mas é ao mesmo tempo objeto de fascinação. Há um aspecto físico na reação de nojo, que se manifesta por reflexos corporais, mas a provocação desta emoção remete igualmente a delimitações culturais do corpo e do espaço social. O nojo é ligado à desordem, à sujeira, à passagem entre a vida e a morte, ao interior dos corpos, aos excrementos e ao corpo de outrém. (MEMMI *et al.*, 2011; MARGAT, 2011) Freud (1987) considera que o nojo, assim como o pudor, atuam na restrição da vida sexual aos limites da norma social.

As profissionais do sexo lidam com diferentes demandas dos clientes, entram em contato com seus corpos e fluídos e têm então que administrar suas próprias reações face ao nojo. Elas procuram às vezes minimizar ou ocultar o nojo ressentido; se esforçam para tolerar o suor e o mau cheiro, por exemplo, justificando que os clientes vão à zona depois do trabalho e não têm como passar em casa para tomar banho. Há prostitutas que tentam diminuir ao máximo o contato com o objeto do asco. Por isso, algumas não permitem que o cliente as toque muito. Além disso, o preservativo é para elas duplamente importante, porque permite evitar o contato com o esperma. E de acordo com a tolerância de cada uma, as profissionais do sexo negam alguns tipos de programa.

Bruna, uma travesti que trabalha em Belo Horizonte, diz que seu desejo sexual foi afetado pelas fantasias dos clientes e que ela já não gosta tanto mais de homens. Os pedidos dos clientes, que ela qualifica como "pavorosos" e "imundos", foram lhe dando

nojo e irritação. Ela se refere a homens que querem que a prostituta goze ou faça xixi na cara deles, que a travesti os penetre e que ainda reclamam que seu órgão sexual é pequeno. O banho dourado⁴ é objeto de repulsa de algumas prostitutas; outras já se referem a ele como "normal". Práticas com excrementos provocam um maior nojo - o qual afeta a maneira como as profissionais percebem globalmente o cliente. Sofia comentou com uma colega que a boca de um cliente escatofílico do hotel cheira carniça.

Algumas prostitutas têm dificuldade de realizar os desejos masoquistas dos clientes. Carolina conta que um homem lhe pediu para bater nele. Ela nunca o tinha feito, mas aceitou, contanto que não fosse no rosto. Ela comenta que achou cansativo fazê-lo, por causa da força que o ato requer. Já outras profissionais estão acostumadas e algumas até gostam de realizar este tipo de programa. Elas ressaltaram a vontade do cliente e os responsabilizam pelo ato. Ana diz que o que outras mulheres não têm coragem de fazer, ela faz : "Não tô nem aí, não é meu rosto." Sofia disse a um cliente que queria que ela o humilhasse e batesse nele: "Vou por conta do senhor, mas a princesa Isabel já aboliu a escravidão."

No entanto, alguns pedidos masoquistas ainda são julgados excessivos. Catarina acha que a pior prática que um cliente lhe pediu foi a de pular de salto alto em cima dele. Joana, que trabalha na Avenida Afonso Pena, comenta que as fantasias dos clientes devem ser realizadas com uma prostituta, porque os clientes não poderiam pedi-las a uma mulher "normal". Mas ela não quis realizar a demanda de um cliente de o furar com canivete, inclusive porque ele poderia sair do programa e dizer que ela o tinha atacado.

Apesar de que a maioria dos programas são "clássicos" e homogêneos, os hotéis da zona boêmia são um espaço de expressão de fantasias e de práticas sexuais que podem ser dificilmente confessadas fora da prostituição. Margareth Rago (1991), estudando a prostituição feminina em São Paulo, de 1890 a 1930, observou que os bordéis reproduziam os códigos normativos convencionais da época, mas davam espaço também a outros modos de funcionamento do desejo, como experiências homossexuais, inversões dos papéis ativo e passivo, voyeurismo e sadomasoquismo.

Na zona boêmia, o modelo sexual preponderante é heterossexual e vaginal. O erotismo é marcado por hierarquizações sociais, como as de gênero, de idade e de cor. As mulheres

⁴ Urofilia.

jovens e brancas, que têm um corpo segundo os padrões convencionais de beleza (principalmente a bunda, os seios e o rosto) são mais valorizadas e trabalham nos hotéis onde os programas são mais caros. No entanto, mulheres mais velhas e mulheres acima do peso também são procuradas por alguns clientes, mesmo se, de acordo com algumas prostitutas, eles tentam entrar no quarto sem que outros clientes o percebam.

A pele negra é desvalorizada na indústria do sexo. Algumas prostitutas negras entrevistadas contam que ganham menos que suas colegas ou que recebem uma clientela mais popular. Há também profissionais que dizem não aceitar cliente "muito preto". No entanto, a cor negra é também erotizada. Alguns clientes procuram fazer programas com mulheres negras ou olhar um homem negro ter uma relação sexual com uma prostituta. As narrativas que as prostitutas fazem das fantasias dos clientes também evocam a imagem de um homem negro que os penetra ou sua esposa. Segundo Pascale Molinier (2009), a fantasia de um homem branco de ver sua mulher ser penetrada por um homem negro pode realizar indiretamente diversos desejos: homossexuais, do "pênis negro" e o de degradar sua mulher. Os processos psíquicos individuais e os cenários culturais estão ligados nas construções das fantasias sexuais.

As fantasias dos clientes, contadas pelas prostitutas, refletem cenários sexuais mais tradicionais, tendências sexuais que aparecem, entre outros, em filmes pornográficos, e também "velhas perversões". É, no entanto, a se perguntar, se demandas como a penetração anal insertiva, que as profissionais do sexo da zona boêmia dizem ser especialmente grande nos hotéis, está ligada a mudanças na cultura sexual ou é apenas a manifestação de sexualidades minoritárias que já se apresentavam nos bordéis de São Paulo na virada do século XX.

A sexualidade das profissionais do sexo

Na maioria dos programas, a sexualidade da profissional do sexo não está em jogo. Algumas profissionais dizem que não gozam nunca no trabalho. Elas explicam que a relação sexual é profissional, que estão centradas na satisfação do cliente e no dinheiro que vão ganhar. Além disso, há profissionais que indicam que o gozo feminino é complexo e lento, e necessita de investimento e de concentração, sendo então dificilmente alcançado durante o programa. Aliam-se a um modelo que representa a

sexualidade feminina como mais passiva e problemática que a dos homens e ligada de maneira privilegiada à afetividade. (BAJOS *et al.*, 2002; JACKSON, S.; SCOTT, 2007; LAURETIS, 2007)

Mas a maioria das entrevistadas relata gozar de vez quando ou mesmo frequentemente. Geralmente, quando o orgasmo é real, elas tentam escondê-lo dos clientes, mas alguns acabam percebendo. Muitas mulheres dizem que o gozo acontece durante a penetração vaginal ou durante uma cunilíngua. Somente uma entrevistada fez referência ao fato de que ela goza somente através da estimulação de seu clitóris. Ela conta: “Eu gozo com muitos clientes (Risos), porque eles já sabem meu jeito. Eu gozo mais no sexo oral do que com penetração, né? O meu orgasmo é clitoriano (*sic*). O homem pode meter a noite toda, eu não sinto nada!” (Marcela)

As entrevistadas contam que é importante que o programa seja mais demorado e que o cliente dê atenção ao prazer delas para que o gozo aconteça. Além disso, acontece delas se sentirem excitadas quando encontram um cliente que acham atraente e cheiroso. Algumas profissionais apontam também para o fato de que clientes que buscam afetividade na relação com a prostituta criam às vezes um clima romântico que acaba envolvendo-as no ato sexual. Outras indicam que a excitação sexual aparece de repente, dependendo de seu ciclo menstrual ou de como o cliente as toca.

“Depende da... ovulação, né, normal. Quando eu tô entrando no período de TPM, às vezes, têm uns dois ou três dias que os hormônios parecem que estão meio em revolução. Acontece, não é com todo peixado que bate aqui. É um ou outro, que é mais cheirosinho, mais gostosinho, acontece aquele clickzinho, entendeu? Mas não é necessariamente que vai acontecer. Eu nunca sei. Quando acontece, acontece por acaso. A gente curte na hora, e acabou, tchau, beijo, felicidade, volte sempre! Mas me paga do mesmo jeito. (Risos)” (Priscila)

“A gente é bem profissional, a gente tá mais preocupada com o dinheiro, quer ver o dinheiro entrar. Mas acontece de dar uma gozadinha. Às vezes, a gente tá com vontade mesmo e o cara tá metendo. Às vezes, o cara nem é bonito, mas tá metendo gostoso... acaba gozando. Mas a gente até se arrepende: ‘Ai, gozar com homem feio!’ A gente prefere gozar com o homem da gente, né, nosso namorado.” (Juliana)

Elas explicam que, como são solteiras ou que seu namorado mora em outra cidade, elas sentem uma “carência sexual” e acabam se satisfazendo com algum cliente. Mas mesmo aquelas que alegam ser legítimo “unir o útil ao agradável” com determinados clientes, dão mais valor à relação sexual com um parceiro fixo por quem têm sentimentos que ao sexo somente pelo prazer físico.

São sobretudo mulheres com mais de trinta anos e com mais experiência na prostituição que relatam orgasmos frequentes nos programas. Mas prostitutas mais novas ou com menos de tempo de programa relatam também gozar com clientes. Muitas entrevistadas contrastam sua experiência sexual após terem entrado na prostituição com o início de sua vida sexual ou com seus relacionamentos anteriores. A maioria teve sua primeira relação sexual com um namorado e já viveram formas de conjugalidade. Não é raro que indiquem que não tinham orgasmo em suas relações sexuais com parceiros fixos. Algumas descobriram o orgasmo na prostituição. Augusta diz nunca ter gozado com um namorado:

“O primeiro homem que eu gozei foi um homem que eu não tinha visto, era um homem que tava meio bêbado. Eu falei assim ‘Gente, isso que é gozar, eu não sabia!’ Pensei comigo, não falei. ‘Oh, é diferente!’ ”

“Juliana: Eu fiquei oito anos casada, nem sabia o que era isso!

- M: Com seu marido?

- Juliana: Ficava naquela vontade toda, achava que era aquilo. Aí, ele se satisfazia, eu achava que tava satisfeita já. Quando acontece a primeira vez, aí você quer direto.

- Beth: : Aí, os homens gozam, dá vontade de matar! (Risos)

- Juliana: Se ele gozar, vai ter que fazer alguma coisa pr’eu gozar também! (Risos) [...] Têm muitos casos. Eu tenho uma irmã que ela não sabe o que é. E ela começou a namorar tem pouco tempo. Ela já é mais... já tem uns vinte anos, mas ela não sabe. Tem muita mulher que não sabe, né? Como eu fiquei oito anos casada e não sabia.”

As profissionais do sexo apontam para o fato de que fazendo programa, elas aprendem a conhecer melhor seu corpo e suas zonas erógenas e algumas dizem também que o orgasmo ocorre mais facilmente porque elas não estão pressionadas a alcançá-lo. Além disso, as entrevistadas relatam que ficaram mais à vontade para falar aos seus parceiros como elas querem a relação sexual e ressaltam que muitas mulheres não têm coragem de fazê-lo. Depois da prostituição, Tatiana se sente mais à vontade para impor suas escolhas e falar o que ela não quer na relação sexual. Mas ela constata também que os homens nem sempre entendem : seus parceiros querem que ela goze a cada relação sexual. Ela diz: “Tem hora que não dá... e homem não gosta de ouvir isso.”

Assim, algumas profissionais do sexo reiteram a ligação entre sexualidade feminina e afetividade e falam de uma lentidão do orgasmo das mulheres; outras, através de suas experiências na prostituição, descrevem uma sexualidade feminina que não é apenas reativa aos sentimentos e à sexualidade dos homens. Para muitas, o tempo em que a relação acabava com a ejaculação de seu parceiro acabou. Elas conhecem os prazeres

sexuais e não querem abrir mão deles. Diferentemente de outras questões sexuais e de gênero, em que várias entrevistadas expõem pontos de vista mais tradicionais – mesmo se há uma coexistência com discursos mais individualistas (HEILBORN *et al.*, 2006) – as profissionais do sexo dos hotéis reivindicam o prazer sexual feminino como um direito.

As narrativas das prostitutas mostram a complexidade de relações que misturam afetos, sexualidade e transações econômicas. Suas relações com os clientes são negociadas ; o sentido do vínculo, sua definição e seus termos são estabelecidos e constantemente redefinidos. Tanto as relações profissionais, quanto as relações pessoais das prostitutas mostram que não há uma delimitação clara entre interesse e sentimentos. A afetividade é necessária à realização dos programas. Além disso, há afetos inesperados que podem surgir com o desenvolvimento do contato entre a prostituta e o cliente. Também o sentimento amoroso e a sexualidade da prostituta se inserem às vezes na interação. Assim, ao mesmo tempo que a zona boêmia aparece como um grande "shopping popular de sexo" ("Complexo de Diversões Guaicurus", [S.d.]), as transações que ali se dão são diversas e podem alcançar um alto grau de intimidade. Os programas podem ser standartizados ou mais personalizados, mais ou menos conformes à normatividade sexual.

Referencia bibliográfica

AUTAIN, C. Féminismes et sexualité: «jouissons sans entraves»! **Mouvements**, v. 2, n. 20, p. 30-36, 2002.

BAJOS, N.; BOZON, M. (EDS.). **Enquête sur la sexualité en France: pratiques, genre et santé**. Paris: La Découverte, 2008.

BAJOS, N. FERRAND, M.; HASSOUN, D. Au risque de l'échec: la contraception au quotidien. In: BAJOS, N. FERRAND, M.; L'ÉQUIPE GINÉ (Eds.). **De la contraception à l'avortement: sociologie des grossesses non prévues**. Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale, 2002.

BERNSTEIN, E. **Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity, and the Commerce of Sex**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007.

BLAND, L. Purity, Motherhood, Pleasure or Threat? Definitions of Female Sexuality 1900-1970s. In: CARTLEDGE, S.; RYAN, J. (Eds.). **Sex & love: New thoughts on old contradictions**. London: The Women's Press, 1983. p. 8-29.

BOZON, M. **Sociologie de la sexualité**. Armand Colin, 2002.

BRENNAN, D. Performing love. **What's love got to do with it?: transnational desires and sex tourism in the Dominican Republic**. Durham and London: Duke University Press, 2004. p. 91-115.

BÉJIN, A. **Le nouveau tempérament sexuel: Essai sur la rationalisation et la démocratisation de la sexualité**. Paris: Editions Kimé, 1990.

COHEN, E. Thai Girls and Farang Men: The edge of Ambiguity. **Thai tourism: hill tribes, islands and open-ended prostitution, collected papers**. Studies in Contemporary Thailand No.4. Bangkok: White Lotus, 1996. p. 249-268.

Complexo de Diversões Guaicurus. Disponível em: <<http://guaicurus.blogspot.com/2007/11/mais-de-2000-mulheres-sero-afetadas.html>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

FRANK, K. **G-Strings and Sympathy**. Durham and London: Duke University Press, 2002.

FREUD, S. Les aberrations sexuelles. **Trois essais sur la théorie sexuelle**. Tradução Philippe Koepel. Paris: Gallimard, 1987. p. 35-89.

GIAMI, A. Cent ans d'hétérosexualité. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 128, n. 1, p. 38-45, 1999.

GIL, F. Sexualité et prostitution. In: HANDMAN, M.-E.; MOSSUZ-LAVAU, J. (Eds.). **La prostitution à Paris**. Paris: La Martinière, 2005. p. 345-376.

HANDMAN, M.-E. La prostitution est un Art, un Humanisme et une Science. In: LANIEZ, G. (Ed.). **Grisélidis réal, La Nuit Écarlate ou Le Repas des Fauves**. La Rochelle: Association Himéros, 2006. p. 141.

- HEILBORN, M. L. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 394-405, 1998.
- HEILBORN, M. L. BOZON, M. AQUINO, E.; KNAUTH, D. (EDS.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- HOCHSCHILD, A. **The commercialization of intimate life: notes from home and work**. Berkeley: University of California Press, 2003.
- JACKSON, S.; SCOTT, S. Faking like a woman? Towards an interpretive theorization of sexual pleasure. **Body & Society**, v. 13, n. 2, p. 95-116, 2007.
- JEANTET, A. L'émotion prescrite au travail. **Travailler**, n. 9, p. 99-112, 2003.
- KINSEY, A. POMEROY, W.; MARTIN, C. Intercourse with prostitutes. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia and London: Saunders Company, 1948. p. 595-609.
- KULICK, D. **Travesti: Sex, Gender, and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1998.
- LAURETIS, T. DE. La technologie du genre. **Théorie queer et cultures populaires: de Foucault à Cronenberg**. Tradução Marie-Hélène Bourcier. Paris: La Dispute, 2007. p. 37-94.
- LEAL, A. Práticas sexuais no contexto da conjugalidade: o que implica a intimidade? In: HEILBORN, M. L. DUARTE, L. F. PEIXOTO, C.; BARROS, M. DE (Eds.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. p. 61-85.
- LEAL, O. Cultura reprodutiva e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 376-392, 1998.
- LEVER, J.; DOLNICK, D. Clients and call girls: Seeking sex and intimacy. In: WEITZER, R. (Ed.). **Sex for sale**. New York and London: Routledge, 2000. p. 85-100.
- LIEBER, M.; LÉVY, F. "Le faire" sans "en être", le dilemme identitaire des prostituées chinoises à Paris. In: LIEBER, M. HERTZ, E.; DAHINDEN, J. (Eds.). **Cachez ce travail que je ne saurais voir: ethnographies du travail du sexe**. Lausanne: Antipodes, 2010. p. 61-80.
- MACHADO, L. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Interface _ Comunic, Saúde, Educ**, v. 4, n. 8, p. 11-26, 2001.
- MARGAT, C. Phénoménologie du dégoût: inventaire des définitions. **Ethnologie française**, Anatomie du dégoût. v. 41, n. 1, p. 17-25, 2011.
- MEMMI, D. RAVENEAU, G.; TAÏEB, E. La fabrication du dégoût. **Ethnologie française**, Anatomie du dégoût. v. 41, n. 1, p. 5-16, 2011.
- MOLINIER, P. Autre chose qu'un désir de peau... Le Nègre, la Blanche et le Blanc dans deux romans de Dany Laferrière. In: DORLIN, E. (Ed.). **Sexe, race, classe: pour une épistémologie de la domination**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p. 231-254.

PARKER, R. Reflexões sobre a sexualidade na sociedade latino-americana: implicações para intervenções em face do HIV/Aids. **Physis**, v. 7, n. 1, p. 99-108, 1997.

PISCITELLI, A. Shifting Boundaries: Sex and Money in the North-East of Brazil. **Sexualities**, v. 10, n. 4, p. 489-500, 2007a.

PISCITELLI, A. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “ turismo sexual” internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 717-744, setembro-dezembro 2007b.

RAGO, M. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, M.; AL. **Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira: Actores, Estruturas e Processos**. Vila Real, 2005.

ROUX, S. **Les économies de la prostitution. Sociologie critique du tourisme sexuel en Thaïlande**. Thèse de doctorat. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2009.

RUBIN, G.; BUTLER, J. **Marché au sexe**. Tradução Flora Bolter; Éliane Sokol. Paris: EPEL, 2002.

TABET, P. **La grande arnaque: sexualité des femmes et échange économique-sexuel**. Paris: L'Harmattan, 2004.

ZELIZER, V. **The Purchase of Intimacy**. Princeton: Princeton University Press, 2005.